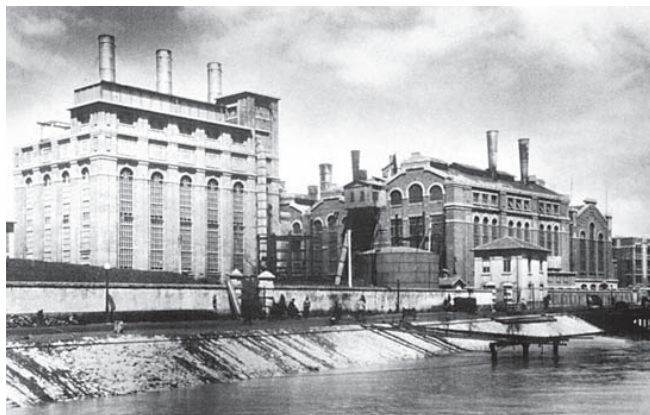




A fábrica de gás devolve-nos a Lisboa industrial do ferro e do carvão (Descarga de carvão na avenida 24 de julho, para a produção de gás. Joshua Benoliel, c. 1900)



Central Tejo, a Fábrica Monumento

Lisboa Reiluminada

Contrariando os tradicionais percursos turísticos, propõe-se aqui uma outra forma de olhar e ler a cidade. Os “guias” escolhidos para este passeio são três marcos do património energético lisboeta, situados ao longo do passeio ribeirinho: a Fábrica de Gás da Boavista, a Central Tejo de Belém e a Torre de Destilação da Sacor na Expo’98.

Os guias turísticos repetem-se: quem queira conhecer Lisboa tem de perder-se pelas tortuosas ruas de Alfama e da Mouraria, subir ao panorama do Castelo, deixar-se impregnar pelo aroma intelectual do café da Brasileira, apanhar o eléctrico até Belém. Os percursos variam em função do interesse e da resistência do visitante, mas a melancolia e a saudade, asseguram os guias, são uma constante em cada recanto da cidade. Para aqueles que não dispõem um pouco de cultura local, o fado, a poesia e, até mesmo, o cinema encarregam-se de reproduzir a atmosfera típica da capital. Segundo José Cardoso Pires no seu *Lisboa, Livro de Bordo*, estamos perante “cenários de catálogo”. Esses velhos tours e panoramas são incapazes de dar conta da construção de uma área metropolitana de mais de dois milhões e meio de melancólicos e saudosistas, que, segundo as previsões da ONU, tem por destino converter-se na terceira maior concentração urbana de toda a Europa. Neste texto propõem-se novas formas de

iluminar a leitura da cidade por meio de três marcos urbanos situados ao longo do passeio ribeirinho: a fábrica de gás da Boavista, a Central Tejo de Belém e a Torre de Destilação da Sacor na Expo’98. As três fazem parte do património energético da capital, mas a sua eleição não quer apenas ilustrar diferentes épocas da história de Lisboa, pois pretende-se que sejam reconhecidas como pontos de passagem obrigatórios para entender essas mesmas épocas.

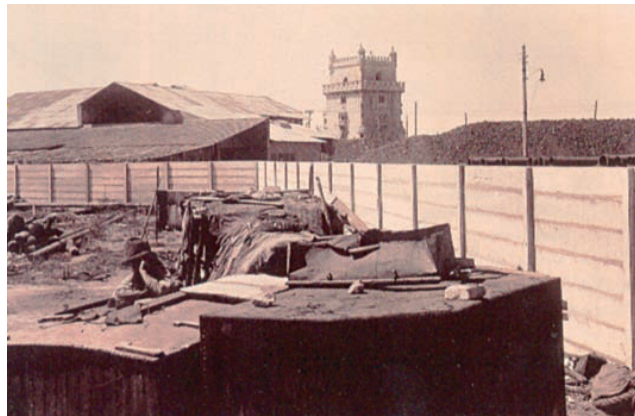
A fábrica da Companhia Lisbonense de Iluminação a Gás foi criada, em 1847, em pleno coração do bairro industrial por excelência da Lisboa da segunda metade do séc. XIX: a Boavista, que se estende desde os Cais do Sodré até Santos. A eleição não surpreende, pois a localização junto ao Tejo não só facilitava o abastecimento de carvão, a matéria-prima mais importante, como permitia ainda a subida do gás a todas as cotas da cidade. Os accionistas da Companhia, que decidiram investir numa inovadora rede de iluminação pública como

forma de rentabilizar as suas minas de carvão, lucravam ainda com a presença dominante na zona da indústria metalúrgica, grande consumidora do coque produzido nos fornos da fábrica de gás. Mas a verdade é que falamos de uma relação simbiótica, pois eram as fundições locais como a Vulcano ou a de José Pedro Collares que forneciam as tubagens da rede de gás. Em 1856/57, já se tinham instalado 10 558 candeeiros em fábricas e casas particulares, para além de outros 1700 em teatros e casas de espectáculos. Era, então, a partir da Boavista que se animavam as tertúlias, cafés e teatros do Chiado.

Olhar hoje para a devoluta fachada da fábrica de gás da Avenida 24 de Julho, devolve-nos não só a intensidade da vida industrial dominada pelo ferro e carvão do séc. XIX, como a inebriante atmosfera dos salões iluminados a gás do Chiado, coração da vida cultural lisboeta. E, se soubermos olhar atentamente, o mais certo é começarmos a estranhar o estilo neogótico escolhi-



Campanha Publicitária, 1937



Belém, entre a memória do império e a produção de energia
(Eduardo Portugal, c. 1938)

do para dar acolhimento às ruidosas e poluentes operações de produção de gás. Solução curiosa esta de amenizar o impacto das máquinas recorrendo à arquitectura historicista, uma opção que teria o seu auge no neomanuelino da Estação do Rossio. As fornalhas e as retortas da fábrica perdiam assim o seu carácter ameaçador, em consonância com o espírito aprazível dos passeios da nova avenida ganha ao rio. No entanto, outras sensibilidades acabariam por ganhar o coração dos lisboetas. Os fotógrafos mostravam a beleza dos novos espaços fabris da capital que conquistavam lugar nos catálogos entre imagens de veneráveis conventos ou vistas panorâmicas tiradas desde o castelo. As fábricas assumiam-se como objectos dignos de admiração estética, perdendo progressivamente a necessidade de se esconderem atrás de fachadas apaziguadoras. É difícil encontrar melhor exemplo dessas fábricas-monumento do que a Central Tejo, instalada em Belém a partir de 1911 para a produção de electricidade.

No virar do século, a electricidade ganhava definitivamente a primazia sobre o gás como fonte de iluminação, impondo-se também sobre o carvão como energia motriz na indústria. A fábrica de Belém foi crescendo progressivamente em função do aumento da procura. Em 1940, as suas caldeiras e turbinas serviam uma rede de distribuição que chegava a cerca de 125 mil consumidores. Se as dimensões fabris mudaram radicalmente relativamente à Boavista, os efeitos faziam-se sentir a escalas cada

vez mais pequenas. Os artistas mais vanguardistas participavam em campanhas gráficas que publicitavam a entrada da electricidade no quotidiano dos lisboetas, promovendo a venda de lâmpadas, ventoinhas, esquentadores, aspiradores, frigoríficos e ferros de engomar.

A glória tecnológica é efémera e, a partir do início da década de 50, a Central Tejo tornou-se num complexo obsoleto face à nova central hidroeléctrica de Castelo de Bode. Contribuindo para a decadência industrial da zona ocidental de Lisboa, a exposição do mundo português de 1940 obrigara a deslocar a fábrica de gás, depósitos de gasolina e armazéns para o extremo oriental da cidade. Belém reinventava-se sob o signo da propaganda colonial, trocando a sua identidade de produção de energia pela condição de parque temático dos descobrimentos. Uma troca de identidades que se repetiria meio século mais tarde por ocasião da Expo'98. Convém, no entanto, não ceder às comparações fáceis. Quem se passeia hoje entre os pavilhões da Expo'98 pode esquecer por momentos as lixeiras que aí existiam ou a gigantesca refinaria da Sacor, instalada em 1940. Mas a conservação da torre de destilação desta última preservava a memória do local e só é preciso alguma imaginação para prolongar os tubos por todo o recinto, reinventando a arquitectura característica das grandes instalações químicas.

Pode argumentar-se que as actividades que hoje se desenvolvem à volta da evocadora torre pouco têm que ver com a produção de

combustíveis para alimentar o país. Mas, ao contrário do exemplo de Belém, petrificada num espaço destinado a rememorar as glórias passadas, o presente da Expo'98 é feito também de empresas que mantêm as características produtivas da zona. Talvez o texto possa parecer demasiado ingénuo perante a especulação imobiliária apostada em fazer do recinto um dormitório de luxo. Mas aqui pretende-se afirmar que a cidade não é feita apenas de melancólicas vistas para um Tejo com margens ocupadas exclusivamente por espaços lúdicos. O turista do início do texto sentia-se atraído, e com razão, por visões poéticas que fizeram de Lisboa uma das cidades mais sedutoras e enigmáticas da Europa. Mas só perante a antiga fachada da fábrica da Boavista poderá perceber o enjoo e a perturbação produzidos pelo gás no sensível Cesário Verde do Sentimento dum Ocidental. E talvez nenhum outro monumento da capital seja tão apropriado ao verbo exaltado e futurista da Ode Triunfal como a Central Tejo. Na verdade, já todos estamos familiarizados com o jogo esquivo dos heterónimos de Pessoa e sabemos que o maquinismo de Álvaro de Campos não contradiz o Quinto Império da Mensagem. O mausoléu escolhido para depositar os restos do poeta foram os Jerónimos, mas nenhum bom lisboeta se escandalizaria se fosse a Central Tejo a fazer de panteão. 

TIAGO SARAIVA,
Doutorado em História da Ciência
pela Universidade Autónoma de Madrid